

ENSINO DE HISTÓRIA E PANDEMIA: relatos orais de professores da Educação Básica no Rio Grande do Norte

Teaching history and the pandemic: oral histories of Rio Grande do Norte's teachers

CONNECTING ARCHIVES, HISTORY, AND THEATER:

Leda Virgínia B. C. Potier

Doutoranda do PPGH-UFRN¹³

RESUMO

A pandemia da Covid-19 ocorrida entre os anos de 2020-2021 modificou o Espaço Escolar e suas práticas, que passaram a ser realizadas em ambientes virtuais de aprendizagem, que no Brasil foi comumente chamado de Ensino remoto emergencial. Nesse contexto procuramos compreender a partir de entrevistas com professores de História da rede básica de ensino do Rio Grande do Norte como as aulas de História foram pensadas e que materiais foram utilizados por esses professores no âmbito das produções relacionadas a História Pública, como vídeos, músicas, entrevistas, documentários e filmes. Essa análise permite compreender as diferentes estratégias utilizadas e a inserção da História Pública no Espaço Escolar.

Palavras-chave: Ensino de História; Pandemia; História Pública; História Oral

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic that occurred between 2020 and 2021 changed the school space and its practices, which began to be carried out in virtual learning environments, which in Brazil was commonly called emergency remote education. In this context, we sought to understand, through interviews with History teachers from Rio Grande do Norte's basic education system, how History classes were designed and what materials were used by these teachers in the context of productions related to Public History, such as videos, songs, interviews, documentaries and films. This analysis allows us to understand the different strategies used and the insertion of Public History in the School Space

¹³ O texto se refere a pesquisa em andamento intitulada “O Ensino Remoto na educação básica: a construção de novos espaços de ensino-aprendizagem de História (2020-2021)”, que tem como objetivo compreender que ensino de história foi possível de ser realizado no período pandêmico, para tanto estão sendo realizadas entrevistas com professores de História da educação básica do Rio Grande do Norte, onde uma série de perguntas referentes as suas trajetórias docentes antes e durante a pandemia estão sendo realizadas para compreender os desafios e mudanças impostas pela emergência sanitária.

Keywords: History Teaching; Pandemic; Public History; Oral History

Introdução

Pensar a aprendizagem histórica, o currículo e a própria historicidade do Ensino de História é uma realidade presente em revistas, livros, simpósios e disciplinas de graduação, mestrado, doutorado. Todas essas possibilidades são estudadas a partir de uma temporalidade, de um contexto, que podem permear períodos democráticos, ditatoriais, de crise econômica e de crise sanitária. Em cada um desses períodos a aprendizagem histórica e o ato de ensinar História foi transformado, atendendo aos interesses vigentes, sejam a partir de leis, mudanças curriculares ou mesmo do processo de formação de professores.

Um dos elementos mais ativos nos mais diferentes processos históricos quando se fala em ensino é o docente de História, que passou e passa por processos adaptativos, que vão desde a maneira como são formados, o conteúdo a ser ministrado e as formas de disseminação desses assuntos. O professor de História acompanha, ou deveria acompanhar, o tempo das coisas, das invenções, do debate público, dos paradigmas históricos e educacionais.

Em momentos históricos variados os professores passaram a discutir e a utilizar diferentes ferramentas, materiais para o desenvolvimento de suas aulas. Especialmente os profissionais de História realizaram diversas discussões sobre o uso de novas linguagens e tecnologias que foram inseridas na sociedade. Essas discussões estiveram envoltas não apenas da defesa do uso de novas linguagens, mas também de resistências. O cinema como fonte histórica, bem como instrumento de aprendizagem foi e continua sendo debatido desde os anos de 1980, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) demanda disciplinas acadêmicas que fazem parte do processo formativo do professor de História, as diferentes formas de apresentação

do conhecimento, produzido ou não nas Universidades, também passaram a ser objeto de pesquisas e discussões, sobre seus usos, abusos e “erros” na utilização no cotidiano escolar.

No meio de tantas discussões, métodos e linguagens, uma vivência e experiência permanece: o cotidiano escolar. Em meio aos debates acadêmicos sobre o ensino de história, aulas continuam acontecendo, professores continuam em processos formativos e o exercício de ser professor de História continua ocorrendo, em uma espacialidade bem conhecida, segura e inteligível a esses profissionais, que é o Espaço Escolar. Uma espacialidade que tem a sua dimensão física, com o aspecto arquitetônico das salas de aulas, da disposição das carteiras, dos computadores, livros e cadernos, da comunidade escolar vivenciando a dimensão das experiências, das relações políticas, da aprendizagem, das relações humanas existentes entre alunos e professores, pais, equipe pedagógica, da dimensão sensível do olhar, do tato, da escrita, das conversas.

Essa espacialidade e as experiências que nela ocorrem foram colocadas em xeque entre os anos de 2020-2021 em virtude de um evento inesperado que modificou a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo e nessas mudanças a vida de milhares de professores e estudantes foram modificadas de maneira abrupta com a ocorrência de uma Pandemia provocada pelo vírus do novo Coronavírus.

Nessa perspectiva e a partir das reflexões ora apresentadas vamos buscar refletir sobre a experiência de professores de História que lecionavam no Rio Grande do Norte no contexto da Pandemia do novo coronavírus. A presente discussão visa observar as possibilidades metodológicas utilizadas pelos professores para atender a demanda da nova espacialidade que foi imposta, com um espaço virtual de ensino, constituído de maneira emergencial para atender a legislação educacional e a pressão da sociedade pela continuidade das aulas, além desses elementos, vamos observar que tecnologias e recursos tiveram que ser utilizados e ampliados pelos professores para alcançar seus objetivos de aprendizagem como vídeos do Youtube, podcasts, documentários,

literatura, que são materiais produzidos muitas vezes para gerar entretenimento, mas que ao mesmo tempo também são fontes de conhecimento histórico, muitas vezes não acadêmicos, para a sociedade.

Para compreender como e de quais formas foi possível ensinar história nesse período, o presente trabalho se apresenta como um recorte de uma pesquisa maior em andamento¹⁴, ao realizar as entrevistas durante o desenvolvimento da pesquisa os professores foram instados a responder sobre diversos aspectos relacionados ao seu processo formativo e sua prática docente antes e depois da pandemia a partir de entrevistas realizadas com o método da História Oral.

Para esse artigo, vamos analisar os relatos orais de *dois* professores pertencentes a Educação Básica, nos segmentos da rede pública estadual, em São José de Mipibu e da rede federal de ensino, em Macaíba, que foram escolhidos para realizarmos uma discussão comparativa na perspectiva das diferentes realidades socioeconômicas existentes. Além desse aspecto, o recorte a ser discutido nesse momento visa observar os diferentes recursos tecnológicos e metodológicos usados por esses professores durante às aulas remotas, esse dado é importante para compreender como a História produzida fora dos espaços não escolares consegue adentrar a espaços a partir de práticas educacionais dos professores de História.

Perguntas norteadoras para os entrevistados

Ensinar história em um contexto de ensino remoto emergencial possibilitou que múltiplas experiências das práticas docente fossem desenvolvidas, em contextos sócio, políticos, econômicos e culturais completamente distintos, que poderiam resultar,

¹⁴ Doutora em Educação pela UFRN; Professora do curso de Licenciatura em Matemática da UFPB; Membro da linha de pesquisa História e Espaços do Ensino, do Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais – UFRN; líder do POTIS – grupo de pesquisas interculturais em Educação Matemática – UFPB; <http://lattes.cnpq.br/1038047809537238>; e-mail: graciana@dex.ufpb.br.

muito possivelmente, em experiências docentes diversas, visto as diferentes realidades existentes no Brasil, e como nosso foco, no Rio Grande do Norte.

Para responder a hipótese de que as experiências dos profissionais de história poderiam se aproximar no contexto das aulas realizadas durante a pandemia, nos seus mais diferentes formatos, bem como que ensino de história foi possível de ser realizado, foi formulado para a pesquisa da tese que atualmente se encontra em produção, um roteiro de entrevistas para que pudesse ser compreendido, não a história de vida dos professores, mas uma história temática, baseada em um recorte da vida desses profissionais, que perpassaria o processo de formação em história, as bases teóricas e de reflexão sobre o que seria ensino e aprendizagem histórica para esses profissionais, bem como identificar as mudanças ocorridas na atuação desses docentes nos espaços virtuais emergenciais de ensino, desenvolvidos entre os anos de 2020-2021.

No roteiro original para a pesquisa, foram formulados quatro blocos de perguntas. Em um primeiro momento, os professores foram apresentados a temática da pesquisa e às perguntas norteadoras, em seguida foi mapeado o perfil formativo e profissional do educador, nesse bloco, as perguntas foram construídas de modo a perceber os caminhos que levaram a escolha da profissão do historiador e uma avaliação sobre como ocorreu esse processo formativo. Compreender como a História adentra a vida desses indivíduos nos permitiria perceber as motivações para o exercício da profissão de professor, suas aprendizagens iniciais e depois como estas se refletiriam na sua atuação.

No segundo bloco de entrevistas as perguntas foram desenvolvidas para que os professores pudessem definir as suas percepções sobre os sentidos da aprendizagem histórica no cotidiano escolar e na continuidade do questionário, pudessem falar como suas aulas eram planejadas e desenvolvidas nas salas de aula antes do contexto pandêmico, observando que recursos materiais possuíam, que metodologias eram utilizadas para o alcance daquilo que eles definiam como aprendizagem histórica.

Essas perguntas provocariam um exercício de memória nesses educadores, contribuindo para que no terceiro bloco de perguntas, os profissionais pudessem ser conduzidos a realizar um balanço entre um período e atividades conhecidas do espaço escolar, para um contexto de incertezas, provocadas pela formação de novos espaços emergenciais de ensino.

Assim, no terceiro bloco, as perguntas tentaram fazer os docentes retornarem ao início das primeiras notícias sobre a existência de uma pandemia e da chegada ao Brasil de um novo vírus, o coronavírus, que, naquele momento já vinha se alastrando em outros países do mundo, inclusive fechando escolas. Além das notícias, também foi questionado como as instituições de ensino foram se preparando para um potencial período de distanciamento e como as condições materiais (tecnológicas) foram sendo preparadas ou não para o que poderia acontecer. No quarto bloco de perguntas, os profissionais seriam indagados sobre a sua atuação profissional nos espaços emergenciais de ensino, as possibilidades de planejamento, de metodologias e do exercício docente, no processo de ensino e aprendizado de história.

Essas perguntas foram desenvolvidas de forma que os professores pudessem compartilhar as suas experiências cotidianas e não apenas as experiências dos números apresentados por Secretarias de Educação estaduais e municipais, pelas escolas privadas ou mesmo o Ministério da Educação, que poderiam desenvolver um discurso hegemônico para ações e atividades realizadas nesse período. Para o recorte motivador dessa apresentação, vamos utilizar perguntas presentes nos blocos dois e quatro do roteiro de entrevistas, já que nosso objetivo é compreender os usos realizados pelos profissionais de História de metodologias e materiais utilizadas em dois períodos históricos distintos, o antes da pandemia e o durante às aulas remotas emergenciais, como podemos ver abaixo:

- Pensando na sua atuação profissional antes da pandemia, como você costumava pensar/planejar suas aulas ou sequências didáticas?

- Aprofundando a pergunta: Que materiais, recursos e metodologias você utilizava na construção e condução das suas aulas?
- Quais foram seus desafios para formular aulas de história diante das demandas do ensino remoto emergencial?
- Como você passou a pensar/planejar suas aulas no contexto do ensino remoto emergencial?
- Quais materiais, recursos e metodologias passaram a ser utilizadas por você nesse novo momento para a aprendizagem histórica? (sabemos que nem todas as aulas foram remotas no sentido da utilização da internet, que outros recursos foram utilizados)

A partir dessas perguntas, vamos buscar compreender se, e como os profissionais de história precisaram alterar suas metodologias e materiais utilizados em seu cotidiano escolar, observando nesse contexto, que usos já eram realizados ou passaram a ser feitos de materiais não-escolares que foram apropriados e tornados didáticos para atender diferentes demandas do cotidiano escolar antes da pandemia e no contexto pandêmico com as aulas remotas.

Compartilhamento de experiências dos professores

A pandemia modificou nossas relações sociais, nossas atividades cotidianas, bem como as nossas formas de trabalhar. Médicos precisaram atuar com novos equipamentos de proteção, atendentes de supermercado com divisórias para evitar contato, trabalhos em *Home Office* foram adotados nas mais diferentes profissões, e inclusive, a educação, com aulas eminentemente remotas, utilizando-se de recursos tecnológicos para atingir a comunidade escolar em um período excepcional, como a pandemia da Covid-19.

De acordo com Goodson, ao utilizar relatos orais de professores, é necessário uma aproximação e compreensão das diferentes realidades os quais estão inseridos, assim, ao realizar essas entrevistas,

“Tentamos incorporar a continua preocupação com o tempo e o período histórico, e com a localização contextual e histórica. Ao estudar a aprendizagem, como qualquer prática social, precisamos considerar desde o princípio uma compreensão do contexto histórico e social – na qual aquela aprendizagem acontece” (GOODSON, F. Ivor, 2019, p. 136)

Desta maneira, entender como esses profissionais realizavam suas práticas pedagógicas e como passaram a realizá-las devido a um período histórico singular que provocou profundas mudanças sociais, nos permite compreender se foi realizado nesse período uma aproximação por parte desses profissionais com outras linguagens, meios de comunicação e tecnologias que pudessem contribuir com a continuidade das aulas realizadas.

Um dos profissionais entrevistados foi o R. W. P., esse profissional atuou em uma escola pública estadual em tempo integral, do município de São José de Mipibu, pertencente a região da grande Natal. Por ser uma escola de Ensino Médio, a faixa etária dos alunos variava dos 15 aos 18 anos de idade, os turnos de aula antes do período remoto eram o matutino e o vespertino, com aulas da formação geral básica (História, português, matemática, Química, Física, Biologia, Inglês, Sociologia e Filosofia), disciplinas eletivas e Projeto de Vida.

O professor ao ser questionado sobre a sua atuação antes da pandemia, relata que realizava aulas que eram pensadas para o contexto do espaço escolar, com os recursos ofertados pela instituição de ensino, visando alcançar os objetivos propostos em seu planejamento de aula, a realização de sequências didáticas foram elementos destacados na aula do profissional,

“Eu geralmente planejo em forma de sequência didática ou seja para cada assunto eu planejava duas, três ou quatro aulas, e essas aulas eram sempre

pensadas a partir das questões problemas que seriam levantadas das possíveis relações passado presente que seriam feitas durante as discussões e quais documentos nós poderíamos levar para a sala de aula para serem analisados junto com o aluno para que o aluno entendesse aqueles documentos como parte do processo de formação daquela história e daquele período estudado.” (R.W.P., 2024)

De acordo com o relato do professor durante a entrevista, os usos de recursos de digitais como *slides* era uma constante em suas aulas como uma forma de apresentar fontes históricas para o desenvolvimento das suas aulas, destacando também a utilização dos livros didáticos entregues aos alunos, “o livro didático é muito rico em recursos, o livro didático trazendo documentos para serem transformados em fontes, problematizações, indicações de pesquisa e de filmes e eu comecei a explorar melhor essas possibilidades” (R.W.P., 2024). Todos os recursos e propostas utilizadas pelo professor eram utilizadas cotidianamente, em um espaço conhecido por esse profissional, que eram as salas de aulas presenciais.

Com o desenvolvimento da pandemia muitos ajustes e desafios foram impostos para a realização de suas aulas. O ensino remoto emergencial, utilizado inicialmente para a manutenção das horas letivas durante o ano de 2020 e 2021 trouxe muitas preocupações para o fazer docente, bem como a aproximação de tecnologias mundanas (NEMER, 2021), aquelas utilizadas no dia a dia de milhares de pessoas como as redes sociais (*Whatsapp, Instagram, Facebook, Youtube*), os conteúdos produzidos, desde vídeos, músicas, memes, que foram utilizados para a continuidade da produção do conhecimento histórico em espaços virtuais de aprendizagem.

No relato de R.W.P., percebemos a adaptação do docente frente as mudanças que se apresentavam,

“Sobre as aulas no período remoto, daria para enumerar uma série de dificuldades [...] aprender a lidar com o novo formato né e isso envolve aprender novas ferramentas e bolar novas estratégias [...] a baixa participação nas aulas remotas [...] porque você tem uma parcela imensa que está sendo excluída das discussões, tentei por exemplo gravar aulas de inteiras de 40, 50 minutos para colocar no YouTube para que depois pudessem ser vista por alunos e não apenas aquela aula online, a gente foi

experimentando as várias possibilidades de formatos, mas a sensação que eu tenho é de incapacidade diante de muitos alunos diante da constatação de que muitos alunos ficaram literalmente de fora do processo” (R.W.P., 2024)

Outro fator importante apresentado no relato, é o objetivo de se ensinar História independente da espacialidade vigente, elemento que foi apontado pelo professor como crucial para seu fazer docente:

que era uma preocupação minha e eu não posso falar por todos os colegas é justamente como continuar fazendo com que o Ensino de História funcionasse de forma remota ou seja se a gente acredita que ensinar História envolve certos pressupostos teóricos e metodológicos da História, a gente precisa é pensar em como fazer isso funcionar nas aulas remotas. (Ibid)

Conseguir realizar as problematizações com os alunos em um período onde a quantidade de estudantes acompanhando as aulas virtuais era considerado, por esse professor, insuficiente, fez com que outras alternativas para alcançar esses alunos fossem criadas, principalmente porque a realidade socioeconômica da comunidade atendida pelo professor não contribuía para aulas síncronas com a presença de toda turma, já que muitos não possuíam acesso à *Internet* banda larga, celulares e computadores, e assim aulas ministradas pelo Whatsapp, recortes de vídeos foram enviados, ou realizados para atender os objetivos de aprendizagem.

A segunda entrevistada, a professora M. J.G. ministrou aula em uma escola da rede federal de ensino no município de Macaíba, também pertencente ao que se chama de grande Natal. Os estudantes eram do Ensino Médio, na modalidade integral e técnico profissionalizante, com estudantes entre 14 e 19 anos de idade.

Os relatos da professora demonstram a utilização de uma diversidade de recursos provenientes da cultura dos estudantes, bem como de materiais que podem ser considerados como pertencentes a uma produção da História Pública, no que tange aos vídeos e peças teatrais realizadas. No relato de M. J. G. percebemos que suas aulas no

espaço escolar estavam voltadas para a prática ativa dos seus alunos e de uma valorização do que os estudantes consumiam,

Então, eu recorria muito essas questões de música também gostava muito de trabalhar é músicas e aí tentar levar músicas que era mais o conhecimento deles então por exemplo aí entra é Racionais, Beyoncé foram é MC Carol né então buscar me aproximar do que eles conhecem enquanto repertório musical às vezes tipo como Chico Buarque e as músicas bregas quando ia tratar da Ditadura Militar então tinha essas questões e fazia eventos onde eles protagonizavam né algumas atividades então grandes eventos como por exemplo uma feira de amostras sobre Ditadura Civil Militar no Brasil e na época não sei como isso seria visto hoje mas eu fazia o julgamento, o tribunal de Nuremberg é como se o Adolf Hitler tivesse sobrevivido né então vi a questão do nazismo né e os crimes de guerra e aí eles protagonizavam eles montavam os tribunais a gente trabalhava com orientação, é revolução francesa também buscava aulas teatralizadas. (M.J.G., 2024)

As dificuldades apresentadas pela professora nesse contexto são também de ordem socioeconômica dos alunos, que como muitos viviam no interior, a rotina de trabalho não permitia a presença desses estudantes nas aulas virtuais, o que fez a professora mudar seus horários de aula para tentar atender uma maior quantidade de estudantes e mesmo assim, os recursos como *Internet*, celulares e computadores também foram apontados como um empecilho para a diminuição da presença nas aulas. Apesar dos desafios impostos pela realidade vigente, a professora relata que buscou ampliar os usos de materiais utilizados em suas aulas, como veremos no próximo trecho do relato,

“Aí os materiais por exemplo, começamos a usar filme mas não dava para dar o filme todo [...] eu achei o filme no YouTube, é então assim mesmo quem não assistiu e só pegou os trechos que eu selecionei trechos curtos porque tudo muito eles reclamavam [...] então uma aula de eu gravava aulas eu gravava aulas de 40 minutos [...] e aí gravar aula era também muito engraçado porque não, é eu me sentia não sei, uma youtuber né [...] continuei adotando os vídeos e comecei a caçar algo que eu não fazia que era ver conteúdos de história produzido por youtubers porque aí vinha mais a questão mais lúdica né de que trazia uma certa didática que eu enquanto professora não foi formada para isso [...] eu virei assim a rainha dos podcast pegava podcast de conceitos históricos, na época a ANPUH fez uma grande iniciativa que era pegar historiadores e trazer ali historiador explica, a historiadora explica e fazia um podcastzinho de 15 minutos para explicar

certos conceitos né então assim adorava porque foi uma forma dos próprios alunos inclusive conhecerem produções da ANPUH” (IBID)

A partir desse relato, percebemos elementos importantes dessa aproximação com produções realizadas fora do ambiente acadêmico, por pessoas que muitas vezes não são formadas em História, mas que produzem conteúdos que se relacionam a assuntos históricos e que são consumidos cotidianamente pela sociedade. Em um contexto em que o alcance aos alunos a partir de um espaço virtual de aprendizagem se apresentava como um obstáculo por diversos fatores, a aproximação de professores com esses conteúdos constituem mais uma possibilidade de alargamento das discussões relacionadas ao ensino de História e a prática docente, onde

Conscientes de que, em suas aulas, não estabelecem um diálogo com seus pares, mas com um auditório diversificado de estudantes em faixa etária escolar, os professores de História lançam mão de diversas operações com o intuito de mobilizar esse público específico para o conhecimento e engajá-lo na elaboração de sentidos para os saberes circulantes naquele espaço. (SOUZA, 2019, P. 115)

Nessa linha de compreensão, percebemos que às práticas realizadas pelos dois professores no contexto da pandemia, reconhecem que o mundo digital e suas produções foram utilizadas de diferentes formas e sentidos pela comunidade escolar. Em um período de emergência sanitária, professores recorreram a linguagens e aplicativos utilizados cotidianamente por jovens para seu lazer como uma forma de aproximar os objetivos do ensino de história a realidade apresentada, modificando em algumas situações a sua forma de dar aula, bem como a sua criticidade frente ao espaço escolar como conhecemos e as informações que encontramos ao nosso redor cotidianamente.

Conclusão

Utilizar relatos orais de professores de História sobre suas atividades docentes no período da pandemia nos ajuda a refletir sobre o que fazemos quando ensinamos

História e como esses profissionais ampliaram ou não suas metodologias e os usos de diferentes linguagens para o desenvolvimento de suas aulas e consequentemente da aprendizagem histórica dos alunos em um período de excepcionalidade provocados por uma emergência sanitária.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CANDOTI, Eliane Aparecida. **O ensino de História em tempos de pandemia**. In. OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. (Org.) *Escolas em Quarentena: o vírus que nos levou para casa*. Londrina, PR: Editora Madrepérola, 2020. P. 69-82.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Campinas, SP, Editora UNICAMP, 2019.

NEMER, David. **Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundo digital nas favelas do Brasil**. Vitória – ES: Editora Martins Fontes, 2021.

OLIVEIRA, Vitor Lins. **O ofício do historiador nos tempos da pandemia do coronavírus. XIX**. Encontro de História da ANPUH-RIO, Rio de Janeiro, 2020.

SOUZA, Gomes Diego. **ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA: territórios comuns, zonas de contato e diálogos possíveis**. Revista ARS Histórica. Rio de Janeiro, nº.18, Jan/Jun 2019, pp. 104-120.